

O livro incomum

Ana T. Rocha

Apresentado em novembro de 2015, em Portugal, e lançado em março do seguinte ano, em Angola, o *Papéis da prisão. Apontamentos, diário, correspondência (1962 – 1971)*, de Luandino Vieira constitui uma perfeita novidade na literatura de língua portuguesa. A distinção deste livro fundamenta-se na conjugação de algumas particularidades que, aqui, nomearei e que são, igualmente, aquelas que fazem dele um intrigante objeto de análise para os estudos literários e que desafiam a própria teoria da literatura:

1) a diversidade das expressões artísticas e géneros textuais - a escrita (diarística e outras, como a carta ou o conto infantil), o desenho ([auto]retratos, *design* manual de capas de cadernos, etc.), as recolhas de literatura oral e outras, apontamentos de estudos das línguas e linguísticos, etc.;

2) o suporte, ou seja, o fragmento, que se justifica, quer por motivos de ordem prática, como a falta de papel para escrever ou a vigia e censura, quer por motivos outros, como a oscilação do estado psicológico do autor;

3) o carácter testemunhal da obra – de interesse multidisciplinar - dado pelas reverberações políticas, sociais, culturais e históricas provenientes de um discurso não-ficcional.

4) por fim, a sua relação sui generis dos discursos literário, não-ficcional e histórico.

É deste modo que o *Papéis da Prisão* se revela um caso inédito, pelo menos, em língua portuguesa. O testemunho real assente numa estrutura que se organiza na diversidade e no fragmento, mas que se mantém coesa por fatores extra formais, não facilitando, por isso, uma leitura aleatória, termina por arquitetar um livro que superabunda designações teóricas. O constrangimento da nomenclatura face ao *objeto novo* constitui um dos aspetos de maior curiosidade e interesse na análise da obra que, apela, assim, ao movimento dos saberes relacionados.

